

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERITARIA DE JARDIM-MS
CURSO DE LETRAS PORTUGUES/INGLES

ELVIS ALDEIRES FERREIRA DA SILVA

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS PERRY E DICK NA OBRA *A SANGUE FRIO*,
DE TRUMAN CAPOTE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA.

JARDIM
2018

ELVIS ALDEIRES FERREIRA DA SILVA

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS PERRY E DICK NA OBRA *A SANGUE FRIO*,
DE TRUMAN CAPOTE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior.

JARDIM/MS

2018

2

ELVIS ALDEIRES FERREIRA DA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS PERRY E DICK NA OBRA *A SANGUE FRIO*,
DE TRUMAN CAPOTE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA

APROVADO EM: _____/_____/_____

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior - UEMS
Orientador

Prof. ^a.Dr.^a. Roseli Peixoto Grubert- UEMS

Prof. Evelyn Coelho Paini Webber- UEMS

SILVA, Elvis Aldeires Ferreira da.

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS PERRY E DICK NA OBRA *A SANGUE FRIO*, DE TRUMAN CAPOTE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA /Elvis Aldeires Ferreira da Silva. Jardim: UEMS, 2018.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Literatura 2. Psicanálise 3. Romance-reportagem 4. Romance de não-ficção

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Elvis Aldeires Ferreira da Silva

Jardim, 05 de Novembro de 2018.

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todos que, de maneira direta ou indireta, me fortaleceram no sentido de alcançar este objetivo e ao meu Orientador, Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior, por não medir esforços nesta árdua jornada.

“A persistência é o menor caminho do êxito.”
Charlie Chaplin.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo sustento físico, mental e espiritual ao longo destes quatro anos de curso; creio que toda as renúncias feitas neste tempo, valeram a pena.

A minha família pelo apoio e entendimento das negações vivenciadas durante este longo período.

Aos meus colegas de curso, pelos quatro anos de caminhada juntos. Acredito que um fez o outro crescer, através dos debates que travamos, e através dos momentos que unimos forças para alcançar objetivos. Saímos do curso com licenciatura em Letras e PhD em organizar festas.

Aos meus professores que incansavelmente nos deram o melhor de si, mostrando que ser professor é abrir um novo horizonte na mente humana todos os dias, o que possibilitou reflexões para lutarmos por uma educação melhor.

Aos meus amigos e familiares que me apoiaram neste tempo, em especial, Arthur, Alvaneis, Enir, Izaelly, Vanilza, Millayne e aos meus pastores, Heitor e Pra. Terezinha Nagel, pessoas que me incentivaram a me inscrever no ENEM, a fazer a matrícula e, depois, a persistir ao longo destes quatro anos. Confesso que hoje tenho uma sede por conhecimento e que almejo continuar a estudar e escrever. Vocês foram à mola propulsora para o meu desenvolvimento intelectual e físico.

Ao meu professor orientador Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior. Não há palavras para agradecer o seu apoio. Costumo brincar que não fui eu quem escolheu orientador, mas que ele me escolheu, e dessa escolha em nada me arrependo. Sempre com grande profissionalismo, teceu conversas e críticas, o que possibilitou este trabalho sair das ideias e migrar para o texto.

RESUMO

A presente pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso tem como finalidade o estudo das relações entre a literatura e a psicanálise salientando o gênero Romance-Reportagem e, pontuando a interlocução e influência que ambas as ciências exercem uma sobre a outra. Para tanto buscamos analisar a construção das personagens, a partir do viés psicológico presente na obra *A Sangue Frio*, de Truman Capote, a partir do estudo das personagens Perry e Dick, no plano da narrativa, de forma a enfatizar as características psicopatas e sociopatas de ambos, uma vez que é possível perceber de forma implícita e explícita, no trecho da narrativa, a presença de traços de psicopatia e sociopatia nas ações e motivações daqueles dois assassinos, que demonstram, no decorrer da obra, frieza e capacidade de manipulação buscando o benefício próprio, além de outras características presentes em pessoas com aquelas patologias. Foram empregados, para o desenvolvimento da pesquisa, aportes teórico-metodológicos da Teoria da Literatura, mais precisamente da Teoria da Narrativa, da Literatura Comparada e da Psicanálise. Logo, para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada metodologia compatível com o objeto de análise, por meio de pesquisa bibliográfica. Dada a especificidade do *corpus* deste Trabalho de Conclusão de Curso, a saber, a análise crítico-comparativa entre duas áreas distintas, foi necessário em um primeiro momento, um estudo teórico acerca do gênero Romance-Reportagem ou Não-Ficção, para tanto nos utilizamos de algumas obras dentre as quais destacamos: *Romance-reportagem: o gênero e Fronteiras Contaminadas*, ambas do professor e pesquisador Rildo Cosson. Além disso, fizemos a aquisição de uma dupla competência, ou seja, não apenas o conhecimento de procedimentos teórico-metodológicos empregados pela Literatura, mas também aqueles utilizados pela Psicanálise e para tanto, dentre as obras utilizadas destaca-se *Mentes Perigosas- o Psicopata mora ao lado*, de Ana Beatriz Barbosa Silva. Assim, foram utilizados no desenvolvimento deste estudo, aportes teórico-metodológicos provenientes de ambas as áreas, isto é, da Literatura e da Psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Literatura 2. Psicanálise 3. Romance-reportagem 4. Romance de Não-Ficção

ABSTRACT

The purpose of this study is to study the relationship between literature and psychoanalysis, emphasizing the novel-reporting genre and punctuating the interlocution and influence that both sciences exert on each other. For that, the construction of the characters was analyzed, based on the psychological bias present in Truman Capote's *The Cold Blood*, always attending to Perry and Dick characters, in the narrative plane, in order to emphasize the psychopathic and sociopathic characteristics of both because it is possible to perceive implicitly and explicitly in the narrowness of the narrative the presence of psychopathy and sociopathy traits in the actions and motivations of these two assassins, who demonstrate, in the course of the work, coldness and manipulation capacity, seeking the own benefit, besides other characteristics present in people with those pathologies. Theoretical-methodological contributions of the Theory of Literature, more precisely Narrative Theory, Comparative Literature and Psychoanalysis will be used for the development of the research. Therefore, for the development of this research was used methodology compatible with the object of analysis, through bibliographic research. Given the specificity of the corpus of this Course Completion Work, namely, the critical-comparative analysis between two distinct areas, it was necessary at first a theoretical study about the genre Romance-reportage or Non-fiction, in addition to the acquisition of a dual competence, that is, not only the knowledge of theoretical and methodological procedures used by Literature, but also those used by Psychoanalysis. Thus, in the development of this study, theoretical-methodological contributions from both areas, that is, Literature and Psychoanalysis, were used.

Keywords: 1. Literature 2. Psychoanalysis 3. Novel-reporting 4. Novel of Non-Fiction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11.
CAPÍTULO I.....	12.
CAPÍTULO II.....	21.
CAPÍTULO III.....	31.
3.1	32.
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41.
BIBLIOGRAFIA.....	42.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo das relações desenvolvidas entre a literatura e a psicanálise. É importante salientar, antes de abordar a construção, no trecho da narrativa, das personagens Perry e Dick efetivamente, que buscamos conceituar o Romance-reportagem como gênero literário, utilizando-se para ambas as perspectivas de aporte teórico adequado. A partir da pergunta: De que forma Truman Capote apresenta as personagens no enredo da obra para que o relatório apresentado pelo Dr. Jones tenha sentido? A partir deste questionamento buscou-se desenvolver a análise de alguns pontos que comprovem as características psicológicas das personagens Perry e Dick, os assassinos da família Clutter, em *A Sangue Frio*, de Truman Capote. Para tanto utilizaremos pontos de interlocução entre a literatura e a psicanálise no sentido de afirmarmos a existência de uma patologia psicológica nas duas personagens, ressaltando suas características.

No primeiro capítulo desta pesquisa, abordaremos o gênero Romance-reportagem ou Não-Ficção, destacando a sua origem, principais representantes e particularidades, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. A obra *A sangue Frio*, de Truman Capote não apenas se encaixa ao gênero como também é a maior referência do mesmo. É importante a abordagem do gênero no primeiro capítulo, tendo em vista que é extremamente recente o seu surgimento, sofrendo ainda críticas advindas de alguns teóricos. Dessa forma, vamos ressaltar a nossa postura em relação ao gênero, será de considera-lo como tal e, a partir dessa perspectiva, abordaremos a obra a ser estudada. No segundo capítulo, discorreremos sobre o psicopata e a sua personalidade, observando como esses indivíduos se comportam na sociedade, a partir do ponto de vista psicanalítico e das questões comportamentais.

E para encerrarmos este trabalho, abordaremos a vida e obra de Truman Capote e a obra *A Sangue Frio*, e analisaremos a construção psicológica e o comportamento na sociedade, das personagens Perry e Dick, que apresentam psicopatia na narrativa em questão.

CAPÍTULO I

O gênero Não-Ficção ou Romance-reportagem: origem, representantes, particularidades e o seu desenvolvimento.

Ao escrever a famosa carta dando conta do descobrimento do Brasil, Pero Vaz de Caminha afirmou ao rei D. Manuel que não iria aformosear nem afeiar, mas apenas descrever o que viu e o que lhe pareceu. Ainda assim, a carta traz, no trecho que descreve a natureza e o comportamento dos indígenas, uma série de estereótipos próprios da visão exótica da América na época. (COSSON, 2001, p.11)

O documento citado por Rildo Cosson (2001), a Carta de Caminha, considerado por muitos o primeiro texto literário genuinamente brasileiro, é também o primeiro a apagar a linha de gênero e do discurso existentes entre o jornalismo e a literatura, uma vez que o texto mistura a realidade e a imaginação, característica principal do Romance-reportagem. Segundo Cosson (2001, p.11), no Brasil este gênero surge por volta da década de 1970, a partir da publicação de uma coleção denominada Romance-reportagem, publicada pela Editora Civilização Brasileira com obras baseadas em fatos e personagens reais narrados nos moldes de uma obra de ficção. Porém, na década de 1960, nos Estados Unidos, Truman Capote já provocava a crítica literária com a obra *A Sangue Frio* (no original *In cold blood*). Conforme Cosson (2001), Capote declarou que, com essa obra, ele havia inventado uma nova forma literária denominada romance de Não-Ficção e, em resposta à crítica literária da época, buscava caracterizar o livro e apontar ou negar um lugar para ele no contexto literário. Tais discussões geraram inúmeros debates e ensaios acerca da obra de Truman Capote e, após tantas polêmicas no exterior, ela foi publicada no Brasil no mesmo ano em que foi lançada nos Estados Unidos.

O Jornalista Juan Domingues em sua tese de doutorado *Novo Jornalismo: reflexões sobre a relação entre reportagem e romance*, faz um percurso histórico a cerca do surgimento do Novo Jornalismo nos Estados Unidos, que muito influenciou a escrita do Romance-reportagem. Para ele, o Novo Jornalismo fundamentou suas bases no romance e que, em dado momento, jornalismo e literatura se fundem gerando o romance-reportagem. Segundo Domingues (2013):

A década de 60 do século XX foi a década da revolução dos costumes e dos questionamentos, cuja moldura foi confeccionada, especialmente, pela alteração de comportamento social. Atentos ao que se passava na sociedade norte-americana, os novos jornalistas se ocuparam em retratar essa realidade por meio do texto. Um texto informativo, mas com base nas características

ficcionais do romance realista. E propagaram a ideia de que criaram uma nova forma jornalística de narrar acontecimentos (p.188).

Brandileone (2010, p.19), no artigo *O romance-reportagem: implicações estéticas e ideológicas*, também afirma que “[...] foi nos anos 60 que os americanos começaram a utilizar o termo *Literary Journalism* ou *New Journalism* para designar um novo gênero” que estava surgindo na época. Por meio da efervescência cultural vivida naquela sociedade, e a mudança de hábitos movida pela organização social minoritária, os movimentos contrários à Guerra Fria, a desaceleração econômica mundial, o fim dos anos dourados do capitalismo, dentre tantos outros fatores que influenciavam o comportamento humano, os grupos passaram a contestar a sociedade vigente, fazendo-se necessário repensar o plano cultural do país e do mundo, especialmente a literatura. Como afirma Domingues (2013, p. 189) “(...) o romance que serviu de fonte para os novos jornalistas também surgiu a partir de mudanças na forma de escrever e no próprio objeto da escrita.” Ou seja, o romance da década de 60 era muito diferente daquele do século XVIII, voltados para as fábulas, mitologias, lendas, histórias ou experiências pessoais de um determinado grupo. O romance agora possuía outro tipo de comportamento, defendido por Domingues como:

A concepção moderna de romance que surge e a ideia de busca de verdade com base nas questões individuais, cujo critério basilar é a fidelidade à experiência individual. Assim, o romance rompe com a tradição do texto anterior e passa a enfatizar, na prosa de ficção, a relação entre a vida e a literatura (DOMINGUES, 2013, p.189).

O romance moderno, portanto, passou a ter caráter humanista, colocando o homem como centro de todas as ocorrências sociais, deixando de lado aquilo que era construído em cima de certezas. Nada mais é definido, deixando assim de abordar os mitos, as histórias, os relatos bíblicos e as lendas, valorizando os enredos fictícios ou inventados a partir de um fato real, normalmente com pessoa(s) específica(s) como o centro da narrativa. Aliás, na nova concepção de romance que segundo Brandileone (2010, p. 19) “[...] rompia com os limites convencionas do jornalismo ao se valer de técnicas literárias” é comum encontrarmos romances com nomes próprios de pessoas, apontados por Domingues (2013, p.189) como razão, o fato de “os nomes, que até então não tinham valor literário, agora vigoram, não apenas como títulos de obras, mas também -e principalmente- como tendo função na vida social”, ou seja, os promotores da literatura passaram a explorar de fato o indivíduo particular, os que até então não eram comuns; eles até tratavam os personagens pelos seus nomes, mas sem valorizá-los

individualmente. Domingues (2013, p. 189) ainda afirma que, “enquanto a individualidade ganha força a partir do romance, os fatores tempo e identidade também surgem como ingredientes essenciais na construção da narrativa ficcional realista.” Uma vez que o personagem somente pode ser visto como um indivíduo, quando se relaciona e expressa seus pensamentos, experiências, atitudes e lembranças, que geraram no romance moderno a característica de invariavelmente fazer o retrato de fatos que ocorre na vida cotidiana com o maior nível de detalhes possível, descrevendo e abordando de forma descritiva as particularidades dos personagens, do ambiente, do contexto histórico e da sociedade, buscando assim algo muito próximo da vida real. Domingues (2013) destaca ainda que:

Para alguns teóricos, a década de 20 do século XX foi o mais notável período do romance nos Estados Unidos, quando a ficção foi de experimentação, em alguns momentos, e de decadência, divergência e perda de rumo, em outros, mas que soube retratar a construção da identidade de um país que se soltava das amarras rurais e conservadoras e se transformou numa sociedade que ingressava na vida urbana, industrial e de consumo (DOMINGUES, 2013, p.191).

A partir da década de 1920, do ponto de vista de organização social, estrutural e comportamental, muitas mudanças ocorreram deixando marcas profundas na história norte-americana, advindas especialmente do desenvolvimento econômico e tecnológico do país que priorizou o consumo e deu acesso a diferentes tecnologias, fato esse que, de certa forma, tirou o romance do comodismo. Domingues (2013, p. 191) ressalta que “desiludidos ou propositalmente distantes da nova realidade, muitos escritores trocaram os Estados Unidos por Paris”, porém, “para quem ficou, no entanto, as mudanças eram campo fértil para a ficção e as técnicas modernistas.”

Em 1929, a bolsa de *New York* sofre um colapso e uma grande crise econômica varre os Estados Unidos, gerando uma sociedade permeada por desemprego, pobreza, violência, miséria e degradação social, formando assim muitas possibilidades temáticas para serem abordadas pelos escritores de romance. Domingues (2013) destaca que:

Essa narrativa ficcional que mistura as mudanças, os desafios, as descrenças, os valores, a violência e a pobreza urbanas, os conflitos, o embate entre velhos e novos hábitos e os próprios encontros e desencontros entre indivíduo e sociedade se estende ao longo dos anos 40 e 50 e é acentuada, potencializada, especialmente, no pós-guerra. Nos anos 60 esse sentimento não só perdura como é intensificado. (DOMINGUES, 2013, p.193)

Os romances norte-americanos começaram a adquirir novas características a partir das mudanças sociais que estavam ocorrendo, deixando de abordar apenas

questões individuais e internas, por exemplo, para abordar o mundo exterior e suas influências, uma vez que, os cenários político, tecnológico, econômico e social abriram portas para novas manifestações artísticas e culturais. Inclusive é nesse momento que surge o movimento denominado *New Journalism*, também entendido como romance de Não-ficção, e que influenciou no Brasil o chamado Romance-reportagem. Diante da grande efervescência social, surgiu também uma nova forma de fazer reportagens, visto que o público vigente havia se modificado. Sobre isso Domingues (2013, p. 193) afirma que, “Nessa teia de informações que parecem ficção, e de narrativas ficcionais que parecem realidade, a história é mostrada como um romance”.

Enquanto que Brandileone, ao refletir sobre a postura dos jornalistas problematiza o fato de que,

O interesse em ultrapassar os limites do acontecimento (ou do jornalismo cotidiano (imediatista), pontuando a trama de reflexões que, por sua vez, pudessem representar valores senão permanentes pelo menos duradouros e, com isso, levar o conhecimento da realidade humana, levou o jornalismo literário a emprestar procedimentos formais da literatura que então permitia a intervenção do subjetivo na construção do texto, deu margem para que a crítica mais conservadora acusasse o novo gênero de impressionista, daí o olhar de desconfiança que muitos lançaram à realidade narrada. (BRANDILEONE, 2010, p.19)

Ou seja, a ficção norte-americana, remodelou completamente e de forma surpreendente a narrativa, trazendo fatos do dia a dia, porém, com um enredo ficcionalizado que veio exercer atuação no espaço que Domingues (2013, p. 193) classifica como “no limite entre o romance e as grandes reportagens especiais, que passam a ganhar espaço na mídia impressa dos Estados Unidos, entre o final dos anos 50 e início dos anos 60 (...)”. Em 1965, Truman Capote publica, em capítulos na revista *The New Yorker*, uma reportagem sobre o assassinato do casal Clutter e seus dois filhos, ocorrido em 1959 na cidade de Holcomb, no Kansas, Estados Unidos. E, no ano seguinte, um livro que, como afirma Brandileone (2010, p. 19), com essa publicação o autor de *A Sangue Frio* “reivindicou para si a invenção de uma nova forma literária: o romance de não ficção” e que ficou considerado como um clássico do jornalismo literário. Capote se utilizou de uma criatividade impressionante na narrativa, de forma que veio a revolucionar o gênero até então posto como um dos mais tradicionais, a reportagem policial, que colocou *In Cold Blood* (A sangue frio) como um dos grandes representantes da literatura do século XX. Domingues (2013) ressalta que,

O autor, então, investe nas técnicas jornalísticas tradicionais, como apuração, entrevistas, busca de dados e registros oficiais, mas não despreza as

ferramentas características que marcaram a narrativa ficcional do romance realista. (DOMINGUES, 2013, p.194)

Capote se preocupou em produzir um livro informativo encorpado pela ficção própria do romance realista, refletindo e retratando exatamente a sociedade norte-americana podendo assim abordar diversos temas vigentes que permeavam aquela geração e aquele tempo. Domingues (2013) encerra o seu estudo do percurso histórico do surgimento do romance de Não-ficção pontuando que:

O que antes era próprio da literatura, a ficção, e o que era próprio do jornalismo, a realidade, neste momento parecem construir uma convergência dos dois ambientes, gerando uma relação de desconforto acerca do lugar dos discursos ficcional e factual. Trazendo o debate para o diálogo entre a narrativa literária e jornalística, é interessante lembrar que tais discursos integram lugares próprios e distintos. (DOMINGUES, 2013, p. 202)

Ou seja, o âmbito jornalístico produz aquilo que é verossímil, factual, ocupando o lugar de verdade no texto, enquanto, a literatura ocupa o lugar de ficção, gerando a fantasia, a criação de um enredo.

Cosson (2001, p.20) ressalta que a obra de Capote ocupou o segundo lugar na coleção Testemunhos, da editora Nova Fronteira.

Quase uma década depois, em meio à proliferação e ao sucesso do romance-reportagem, o livro de Truman Capote passa a ser apontado, pela crítica literária brasileira, como modelo desse modo de narrar caracterizado, principalmente, pelo encontro do jornalismo com a literatura. (COSSON, 2001, p.20)

É a partir de então que podemos afirmar que o gênero Não-Ficção no Brasil, fica travestido de Romance-reportagem ocupando importante espaço na tradição literária do país, especialmente pelo contexto histórico que o país vivia, pois o marco histórico dos anos 1960 e 1970 era justamente a ditadura militar. Cosson (2007, p.15) ressalta que por volta de 1968, o Ato Institucional- nº5 causa o terror e o horror no país, marcado pela violência a todos que contestassem o regime e promovendo campanhas em busca da opinião pública a favor do governo militar, e principalmente a figura emblemática do direito de ser ou não ser na perspectiva cultural, a censura. Essa era a forma mais cruel, porém, adequada àquele tipo de governo, construir o cenário de um país organizado, com ordem e paz, com o progresso em pleno vigor pronto a entrar no seleto grupo de aspiradores ao primeiro mundo. Segundo Cosson (2007):

[...] a censura não só apagou, omitiu e proibiu a veiculação de informações ou de manifestações contrárias ao regime ditatorial, à moral e aos bons costumes como impediu o próprio surgimento de novas e diferentes formas de expressão artística e cultural, impondo seu silêncio tumular a sociedade. (COSSON 2007, p. 27)

A melhor forma que o governo militar encontrou para conseguir promover a censura sem grandes esforços foi desestimular e amedrontar aqueles que financiavam e promoviam as ações de caráter cultural, possibilitando o surgimento de uma forma de autocensura, oportunidade em que os próprios produtores apoiavam e promoviam expressões culturais que fossem pacíficas ao governo e que não o afrontassem, criaram assim os seus próprios mecanismos de censura àquilo que produziam. A literatura de certa forma foi poupada da rigidez da censura uma vez que, segundo Cosson (2007, p.28) havia, “reduzido número de leitores e a conseqüente baixa tiragem dos livros no Brasil, que não representavam, por isso, nenhuma ameaça ao sistema”. Dessa forma, por meio da narrativa, a literatura funcionou como uma válvula de escape para a resistência, revelando a realidade política do país naquele momento, surgindo obras que expressavam aquilo que a sociedade não tinha como expressar, encontrando ali um espaço para dizer aquilo que não podia ser dito. Segundo Malcolm Silverman (1995):

[...]a importância de se estudar os romances da década de 1970 encontra-se justamente nesse desvelamento, pois foram esses romances que, paradoxalmente, registraram a realidade escondida pela verdade oficial. (SILVERMAN, 1995 *apud* COSSON, 2007, p. 28)

Cosson (2007, p. 30) destaca que é justamente nesse contexto histórico de 1970, que surgem movimentos artísticos como a indústria cultural, promovida pelo governo com a ideologia de modernização e fez enormes investimentos no setor das telecomunicações e a cultura alternativa, advinda de grupos que sofriam ainda oposição do governo uma vez que, atuavam em prol da liberdade de expressão e resistiam ao mercado, tendo como grandes representantes os romances políticos, os contos, a geração mimeógrafo produzindo, sobretudo, a poesia marginal e o Romance-reportagem. É certo que a literatura da década de 1970 era extremamente plural e comprometida com o momento histórico, o que proporcionou também a aproximação da literatura com o jornalismo, tendo, à época, muitos escritores que desempenhavam a função de jornalistas. Cosson (2007) afirma que:

Facilitada pelo grande número de escritores-jornalistas, pela censura e a função de informar que a literatura assumiu no período, pelo impacto da indústria cultural e pela situação da marginalidade com que muitos autores foram confrontados, essa ligação parece ultrapassar as opções temáticas e estilísticas individuais ou conjunturais, fazendo emergir um tipo particular de texto que foi denominado, entre nós, de *romance-reportagem*. (COSSON 2007, p.37)

Ainda segundo o autor, a expressão não apenas denominava um gênero, mas sim uma grande parte da produção literária daquela época, tendo grande sucesso de vendas. Talvez pelo fato de que a partir de uma simples manchete de jornal ser desenvolvido um texto com forte teor de crítica social, manchete essa que de certa forma fazia parte da realidade de vida de seus leitores. Por esse motivo mesmo, há uma dificuldade para a crítica literária, no sentido de incluir as obras de romance-reportagem em um gênero já existente. Ora a crítica considera tais obras como uma reportagem mais longa não cabendo nas páginas de jornal, ora considerando um romance em busca da retomada do naturalismo brasileiro, narrando o dia a dia das pessoas e fatos que lhe são cotidianos. O fato é que, levando em consideração todas essas questões de incluir as obras de romance-reportagem na perspectiva de um gênero ou outro, não podemos esquecer-nos de que:

Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o currículo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível. (BAKHTIN, 1992 *apud* COSSON, 2007, p.3)

Dessa forma, podemos ressaltar que o romance-reportagem transita em todos os gêneros onde há narrativa, completando os mais velhos e se afirmando como um novo gênero em vigência, Cosson (2007) reforça que:

Em nossa literatura, tal pluralidade é um indicativo de que, sob o influxo da indústria cultural e dos meios de comunicação, houve um alargamento do horizonte da literatura brasileira, que levou áreas e gêneros, antes menores, subordinados ou latentes, a emergirem, buscarem e ganharem, na maioria das vezes, seu próprio espaço, abrindo novas frentes culturais. (COSSON, 2007, p.48)

O sistema literário brasileiro é relativamente vasto, o romance é quase sempre considerado o gênero de maior destaque, porém em momento algum nos esquecemos de referenciar, ao tratarmos do sistema literário, das memórias, dos ensaios, das cantigas populares, das novelas, das crônicas dentre outros tipos de textos. Da mesma forma, o romance-reportagem ocupa lugar no “alargamento do horizonte da literatura brasileira” defendido pelo autor. Além disso, Cosson (2007, p.48) afirma “(...) que muitos desses novos gêneros e áreas continuam á margem do cânone literário, também é certo que eles não podem mais ser simplesmente ignorados ou tratados como realizações menores ao

lado dos gêneros tradicionais da literatura.” Ambos precisam ser vistos, conhecidos, reconhecidos e lidos levando em conta suas características específicas dentro e fora do contexto literário.

No Brasil, segundo Cosson (2001, p. 12) o primeiro volume da coleção romance-reportagem da Editora Civilização Brasileira, foi a obra *O caso de Lou*, de Carlos Heitor Cony, em 1975, apesar de ser um escritor já conhecido, a obra não teve muito destaque. Mas,

Graças ao grande sucesso de vendas no segundo título da coleção, *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, que vendeu em quatro meses 10 mil exemplares, a expressão populariza-se e passa a ser tanto denominação de um gênero quanto referência de uma produção literária da época. (COSSON, 2007, p. 38).

A obra *Lúcio Flávio, O passageiro da agonia* (1976), é do escritor-jornalista José Louzeiro, um grande ícone da literatura com mais de 40 livros escritos, novelas de televisão e participação em filmes. Segundo Cosson (2007, p. 37-38), José Louzeiro foi “considerado pela crítica como “pioneiro”, “especialista”, “introdutor”, “exemplo” do novo gênero”. Além desses dois autores e obras que no contexto histórico são de grande valia e inauguram o romance-reportagem no Brasil, há outros que possuem grande importância mas que não abordaremos neste momento, mas que Cosson (2001, p. 12-13) destaca *Cabeça de papel*, de Paulo Francis, *Reflexos do baile*, de Antônio Callado, *Nossos índios, nossos mortos*, de Edilson Martins, *Tempo de ameaça*, de Rodolfo Konder e *Rebelião dos mortos*, de Luiz Fernando Imediato.

Há ainda algumas particularidades características do romance-reportagem que devem ser destacadas. De acordo com Cosson (2001, p.14), o romance-reportagem pode ser visto “a partir de dois ângulos distintos, mas complementares entre si” na explicação deste gênero. O primeiro ângulo por ele defendido está relacionado ao **modo de narrar** e está, na maioria das vezes, ligado à “importação de modelo ou ‘influência’ da literatura norte americana” e o segundo ângulo está relacionado ao fato de “o romance reportagem como uma característica da literatura da década de 1970, a qual é usualmente explicada pelas condições socioliterárias da época”. Esses dois ângulos por ele destacados, dizem respeito às discussões que existem em relação ao gênero, os ângulos são distintos mas, em alguns aspectos, se complementam. Cosson (2001) também afirma:

Teoricamente, o romance-reportagem pode ser visto como um gênero que resultou do entrecruzamento do gênero ‘literário’ romance com o gênero ‘não-literário’ reportagem, ou, em outras palavras, da intersecção das marcas

constitutivas e condicionadoras da narrativa romanesca e da narrativa jornalística (COSSON 2001, p.32).

E como já destacado anteriormente, a formação de um novo gênero não vem para suprimir ou tomar o lugar de outro, mas sim para completar os velhos e ampliar os já existentes.

Em se tratando das características das obras do romance reportagem, podemos destacar que normalmente as obras são escritas por jornalistas-escritores, que reconstroem alguns casos verídicos empregando ora em grande, ora com pouca intensidade, artifícios de narração que encontramos nas obras de ficção. O jornalista utiliza seus métodos de pesquisa, enquanto repórter, coleta elementos e como escritor escreve, fato esse que deixa marcas de reportagem em um romance e vice-versa.

CAPÍTULO II

Esboço de um perfil: o psicopata e a personalidade psicopática

Neste capítulo a nossa intenção é analisar a psicopatia do ponto de vista comportamental. É importante destacar que os estudos em torno da psicopatia sempre apresentam grandes dificuldades para a sua realização, já que é construída a partir dos próprios avaliados. Normalmente, os indivíduos portadores de psicopatia, por serem extremamente racionais, não tem interesse em oferecer pontos importantes para a construção de diagnóstico aos pesquisadores e, como Araújo (2007, p. 4) destaca, psicopatas “Não são detectados nos aparelhos de detecções de mentiras, pois não apresentam alterações nos parâmetros fisiológicos quando são submetidos ao estresse ou a imagens desagradáveis.”, além disso, a mentira e o egocentrismo são características patológicas que essas pessoas apresentam. Ana Maria Barbosa Silva, por outro lado, em seu livro *Mentes perigosas- o psicopata mora ao lado*, afirma que “Os psicopatas não têm interesse nenhum em revelar algo significativo para os pesquisadores e tentam sempre manipular a verdade para obterem vantagens.” (SILVA, 2008, p. 85) ou seja, buscam tão somente uma forma de esboçarem a sua maldade se aproveitando do momento de atenção a eles dispensada.

Silva (2008, p. 5) discute alguns detalhes importantes para que possamos perceber os indivíduos portadores desta patologia, o que nos leva a ter em mente que os psicopatas jamais se apresentarão como indivíduos “com cara de mau, truculento, de aparência descuidada, pinta de assassino e desvios comportamentais tão óbvios que poderíamos reconhecê-lo sem pestanejar”. Reconhecer indivíduos com psicopatia não é uma tarefa tão simples como se imagina, pois os psicopatas apresentam como característica exterior serem uma pessoa “normal e até mesmo cativante” (ARAÚJO, 2007, p. 56). Mas a verdade é que eles possuem a capacidade para enganar e representar extremamente aguçada, de forma que se tornam atraentes e interessantes, valendo-se disso para cativar as vítimas de sua maldade. Eles jamais avisam que irão atuar, mas fazem tudo de forma grandiosa, sem importar-se com as emoções das pessoas a sua volta. Aliás, as emoções não fazem parte das características de um psicopata.

Donoso (2011), por exemplo, trata os psicopatas como impetuosos, desorganizados e rústicos, mas que também podem se apresentar como refinados, não agressivos, teatrais, calculistas e com tendência à sensualidade. E Silva (2008, p. 5) complementa o raciocínio de Donoso e afirma que, não estamos falando de pessoas

normais, estamos falando de pessoas “frias, insensíveis, manipuladoras, perversas, transgressoras de regras sociais, impiedosas, imorais, sem consciência e desprovidas de sentimentos como compaixão, culpa ou remorso.”. A pesquisadora brasileira ainda os descreve como “predadores sociais” ao se referir aos indivíduos portadores dessa anomalia, termo esse que vem bem a calhar, já que eles normalmente se “alimentam” dentro da perspectiva de um grupo social escolhido e previamente predeterminado. Sempre “farejam” bem o ambiente em que estão, para que possam se comportar como ele requer. As fragilidades normalmente são as brechas abertas pelas pessoas, que eles utilizarão para conseguirem construir um contato mais próximo para o suprimento de seus objetivos e desejos. Silva (2008) destaca ainda que

Esses "predadores sociais" com aparência humana estão por aí, misturados conosco, incógnitos, infiltrados em todos os setores sociais. São homens, mulheres, de qualquer raça, credo ou nível social. Trabalham, estudam, fazem carreiras, se casam, têm filhos, mas definitivamente não são como a maioria das pessoas: aquelas a quem chamaríamos de "pessoas do bem". (SILVA, 2008, p.5)

Ou seja, aparentemente os psicopatas estão distantes de nós, mas a grande realidade é completamente o inverso, eles estão a nossa volta. Podem fazer parte de nosso convívio, imbuídos de autoridade na sociedade, em uma sala de aula, no ambiente de trabalho, num clube, no lar e até mesmo dormindo na mesma cama, participando ativamente do nosso dia a dia. Que levam uma vida normal, mas, que são completamente anômalos. Obviamente que existem aqueles casos extremos, em que os psicopatas praticam ações violentas sem o mínimo de arrependimento. Porém, Silva (2008, p. 6) reitera que “o que a sociedade desconhece é que os psicopatas, em sua grande maioria, não são assassinos e vivem como se fossem pessoas comuns”.

Para que possamos entender o que é a psicopatia em si e as características das pessoas portadoras desse distúrbio, precisamos construir um percurso de estudo a se iniciar na definição do termo consciência. Para Silva (2008, p. 10), a consciência “é um atributo que transita entre a razão e a sensibilidade. Popularmente falando, entre a ‘cabeça’ e o ‘coração’”. Ou seja, um comportamento humano inconsciente e autônomo, é “[...] algo que sentimos. Ela existe, antes de tudo, no campo da afeição e dos afetos.” (SILVA, 2008, p. 11). Já Araújo (2007, p. 10) pontua que da perspectiva médica “as ligações entre a amígdala e o neocórtex são os centros das batalhas ou dos tratados de cooperação entre o pensamento e o sentimento” e que por esse motivo a emoção “é crucial para o pensamento efetivo tanto para tomar decisões sensatas como para pensar com clareza”. Diante disso, podemos afirmar que a consciência seja uma emoção, que

tem como característica promover no indivíduo, o senso de responsabilidade e generosidade a partir dos vínculos emocionais que ele constrói com outros indivíduos e com o universo. A consciência independe da nossa racionalidade, mas que possui a grande missão de nos orientar a trilharmos o caminho da bondade, o que nos dará o verdadeiro traço que nos faz ser diferente dos animais, a racionalidade. Como ressalta Araújo (2007, p. 11) “essa incapacidade de registrar sentimentos alheios significa que existe um grande déficit de inteligência emocional e conseqüentemente uma trágica falha no que significa ser humano”. Qualquer pessoa que possua o atributo da consciência, expressa emoções quando presencia ou mesmo quando fica sabendo de atos de ajuda ao próximo, sejam eles simples ou grandiosos. Isso faz gerar nos indivíduos dotados de consciência, alegria e esperança a partir dos atos de amor. Para Silva (2008),

A consciência genuína nos impulsiona a ir ao encontro do outro, colocando-nos em seu lugar e entendendo a sua dor. Somos tomados por gestos simples como desejar "bom dia" àqueles que não conhecemos ou ligar para um amigo só para dizer: "Olá, como vai? Estou aqui para o que der e vier!" (SILVA, 2008, p. 13)

A consciência faz com que a pessoa tenha a capacidade de ser bondosa, de perdoar e de pedir perdão, de ser grato, de se alegrar com a própria superação ou com a de outrem e de celebrar conquistas, dentre tantos bons sentimentos que passaríamos inúmeras páginas para descrevê-los. Conforme Silva (2008, p. 13) destaca, “esse ‘sexto sentido’ é que nos comove com as situações trágicas e também com a felicidade do encontro de irmãos separados desde a infância.” O que ira fazer com que seja produzida na pessoa a “indignação frente ao preconceito, ao desrespeito às regras sociais, à intolerância ao próximo, à falta de educação, à corrupção e à impunidade”.

A partir dessa visão acerca da consciência, podemos, então, adentrar as características que normalmente permeiam a vida de um psicopata, que eventualmente estão ao nosso redor, convivendo e parecendo fisicamente conosco, mas que não são dotadas desse atributo, que como vimos acima é de grande valia para a manutenção do bem estar social de uma comunidade.

Os psicopatas são desprovidos “desse senso de responsabilidade ética, que deveria ser a base essencial de nossas relações emocionais com os outros”. (SILVA, 2008, p. 14). Eles não possuem a capacidade ter “a inquietude mental, ou o menor sentimento de culpa ou de remorso por desapontar, magoar, enganar, ou ate mesmo tirar a vida de alguém” (SILVA, 2008, p. 14). Para Araújo (2007, p. 1), as características

mais comuns que os psicopatas apresentam são aquelas manifestadas na conduta, dentre elas “incapacidade de relacionamento social; ausência nos valores morais; frieza no lugar de emoção; falta de compromisso com os outros e incapacidade de sentir culpa”, ou seja, o prazer deles está nas atitudes que para outros gerariam remorso.

Dessa forma, percebemos que eles se satisfazem no momento em que transgridem os limites predeterminados por regras que permeiam a sociedade. Como podemos imaginar, esses indivíduos são extremamente perversos, tóxicos, contraproducentes, astuciosos, maquiavélicos e sagazes, que como camaleões se camuflam de forma perfeita a tal ponto de parecerem absolutamente normais. Silva (2008, p. 14) afirma que “eles são verdadeiros atores da vida real, que mentem com a maior tranquilidade, como se estivessem contando a verdade mais cristalina”, conseguindo, desse modo, deixar seus instintos ardilosos, ocultos a nossa sensibilidade, de maneira que não raras vezes, não os distinguimos entre os que têm consciência e os que não a possuem. Mas, do ponto de vista da perspectiva médica, Araújo (2007) afirma que esses indivíduos podem apresentar esses traços a partir de lesões no cérebro, sejam elas por procedimentos cirúrgicos ou pela existência de tumores, por exemplo. Além disso, pode decorrer também de traumas psíquicos como abuso sexual ou físico, abandono e pobreza na infância, ou ainda por questões de distúrbios neurológicos como a depressão, esquizofrenia, paralisia cerebral, alcoolismo e outros.

Silva (2008, p. 15) destaca que os psicopatas, normalmente recebem outros nomes, tais como: “sociopatas, personalidades antissociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociais, entre outros”, mas a autora prefere utilizar somente psicopata para facilitar o entendimento, opção essa que manteremos neste trabalho de pesquisa.

Quando pensamos na palavra psicopata, logo nos vem a ideia os indivíduos loucos, porém, a verdade é que os psicopatas não apresentam qualquer tipo de desorientação, sofrimento mental, delírios ou alucinações, não podendo, dessa forma, serem considerados como tal. Silva (2008, p. 15) designa a palavra psicopata o significado “doença da mente (do grego, *psyche*=mente; e *pathos*= doença)” e que “em termos médico psiquiátricos, a psicopatia não se encaixa na visão tradicional das doenças mentais”. Ferreira (2003 *apud* ARAÚJO, 2007, p. 4) destaca que os psicopatas são pessoas “que parecem honestas, encantadoras e convincentes a primeira vista, porém são incapazes de sentir afeto ou amor por qualquer outra pessoa”, ou seja, estão predispostos a fazer qualquer coisa para alcançarem seus objetivos.

Silva (2008, p. 16) afirma que alguns dos atributos que em geral ficam evidentes nos indivíduos psicopatas é que eles normalmente são “frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício”, ou seja, encontram dificuldades para estabelecer vínculos afetivos ou de serem empáticos. Também não possuem sentimento de arrependimento, culpa, remorso e não raras vezes, são violentos, agressivos e praticantes de atos transgressores das regras de convenções sociais ou conforme Donoso (2011, p. 65), “a lei não está marcada em seus espíritos. Ou melhor, está marcada para poder ser transgredida”. Além disso, Silva (2008) aponta que eles estão em todos os lugares onde há convívio humano, ou seja,

Esses indivíduos charmosos e atraentes frequentemente deixam um rastro de perdas e destruição por onde passam. Sua marca principal é a impressionante falta de consciência nas relações interpessoais estabelecidas nos diversos ambientes do convívio humano (afetivo, profissional, familiar e social). (SILVA, 2008, p. 16)

Dessa forma, percebemos que os psicopatas estão normalmente infiltrados dentro da sociedade, a praticar todos os tipos de atrocidades que uma pessoa destituída de emoções tão importantes como a empatia, a gratidão, dentre outras, pode fazer. São pessoas desprovidas de predicados como boa índole, bondade, arrependimentos, dentre outros, e que possuem, na verdade, características inversas a essas. Hare (*apud* SILVA, 2008), afirma que os psicopatas possuem ciência de suas ações, ou seja, sabem que estão transgredindo as leis de convenção social e o porquê de assim agirem. A diferença deles para uma pessoa normal está no fato de que eles possuem deficiência no campo dos afetos e das emoções. Dessa forma, para eles, ferir, maltratar ou até matar alguém, é indiferente. Por esse motivo, a maioria de suas vítimas são pessoas que cruzaram seu caminho ou que ameaçaram seus interesses, sendo normalmente, indivíduos que fazem parte do convívio íntimo deles.

Outra evidência importante presente no indivíduo psicopata está relacionada “à flagrante violação criminosa das regras sociais. Sem qualquer surpresa adicional, muitos psicopatas são assassinos violentos e cruéis”. (SILVA, 2008, p.18), porém como já afirmado anteriormente, a grande maioria dos psicopatas não estão no sistema carcerário, mas sim usando, sem o mínimo de consciência, suas habilidades maldosas para com as pessoas a sua volta. Além disso, outra grande problemática que Araújo (2007, p. 4) aponta, é a de que eles são “incapazes de aprender com a punição e de

modificar seus comportamentos”. Assim, são indivíduos que reincidem no sistema judiciário e que estão constantemente colocando a própria vida em risco, e a de outras pessoas também.

Há ainda indivíduos que desenvolvem características que, no mínimo, são suspeitas e que merecem atenção, dentre elas, aquelas que ao mesmo tempo em que são extremamente amáveis e sociáveis, transformam-se em intolerantes, impulsivas e preconceituosas, por exemplo. Segundo Silva (2008, p. 31), há também o “jogo da pena” que ela define como um dos “recursos mais comuns e constantes das pessoas inescrupulosas”, em que além de se utilizarem do sentimento de medo da vítima, “os psicopatas, de forma extremamente perversa, apelam para a nossa capacidade de sermos solidários”. (SILVA, 2008, p. 31). A piedade das pessoas providas de consciência, podem se transformar em uma procuração sem finalidade específica, assinada em branco, nas mãos de um psicopata. A pena é um atributo de suas vítimas, que eles estão predispostos a utilizarem como arma contra elas mesmas.

Os psicopatas possuem uma vasta habilidade comunicativa e forte poder de convencimento, diante da necessidade de falarem de si próprio para ganhar a confiança de suas vitimas, se utilizam de mentiras. Silva (2008) ao falar deles pontua:

Os psicopatas costumam ser espirituosos e muito bem articulados, tornando uma conversa divertida e agradável. Geralmente contam histórias inusitadas, mas convincentes em diversos aspectos, nas quais eles são sempre os mocinhos. Não economizam charme nem recursos que os tornem mais atraentes no exercício de suas mentiras (SILVA, 2008, p. 33).

E para manterem-se seguros, normalmente eles buscam adquirir conhecimento sobre diferentes assuntos, sem se aprofundar muito no conteúdo. Eles sabem apenas o básico para demonstrarem que possuem entendimento de diversas áreas do conhecimento, geralmente aquelas que englobam as ciências humanas, por conta da riqueza de termos técnicos, que eles usam com a finalidade de adquirem credibilidade com as vitimas de suas ações. Além disso, quando estão mentindo contam perdas e inventam erros em suas próprias ações para que venham a adquirir credibilidade naquilo que contam, assim passam a ideia de não serem perfeitos apesar de acreditarem nisso. Silva (2008, p. 34) afirma ainda que “os psicopatas possuem uma visão narcisista e supervalorizada de seus valores e importância. Eles se veem como o centro do universo e tudo deve girar em torno deles” e como afirma Araújo (2007) o narcisismo gera o comportamento psicopata (antissocial), já que não dispõe da capacidade de estabelecer relações que não sejam exploradoras, não possuem predisposição para identificarem e

respeitem os valores morais, além de não terem a capacidade de firmar compromissos e cumpri-los e de lhes faltar o sentimento de culpa. Portanto, eles acreditam serem superiores as outras pessoas, de forma que sua existência é baseada de acordo com o que pensam e com suas próprias regras. Dessa forma, não é raro que eles pensem que matar, roubar ou estuprar, sejam coisas naturais, que não sejam atitudes graves, ainda que tenham consciência de que estão violando os direitos básicos de outrem.

Segundo Donoso (2011) o aborrecimento e a monotonia tiram os psicopatas de seu conforto, e a marginalidade remete a eles a ideia de dívida que, conforme ressalta, advém da sociedade, da mãe, ou de quem quer que seja o fato e que lhe devem. Silva (2008, p. 34) ressalta que eles “são extremamente hábeis em culpar as outras pessoas por seus atos, eximindo-se de qualquer responsabilidade. Para eles, a culpa sempre é dos outros”. Donoso (2011, p. 34) ainda afirma que “Os psicopatas não sentem qualquer embaraço sobre dívidas contraídas, pendências financeiras ou mesmo problemas de ordem legal ou pessoal (brigas, espancamento de namoradas)”.

Dessa forma, percebemos que eles são indiferentes, encaram problemas que naturalmente possuem consequências sérias com naturalidade, como algo passageiro, acasos do destino, falta de sorte ou por culpa de alguém. Palomba (*apud* ARAÚJO, 2007, p. 56) afirma que os psicopatas agem como se estivessem assistindo a um filme, indiferentes às cenas que passam diante de si e que ao terminar o filme, lembram-se do que viram, mas como uma mera ficção, desprovidos de remorso. Ou seja, sabem que foram autores do ato que cometeram, mas é como se somente tivessem assistido a toda à barbárie, não expressando dessa forma culpa ou arrependimento. Não há emoção, nem durante e nem depois do ato cometido. Araújo (2007) ressalta que os psicopatas se diferenciam de criminosos comuns, já que além de eles serem pouco sensíveis ao crime, possuem uma incontrolável necessidade de continuarem transgredindo. Possuem tendência a ir cometendo diferentes tipos de crime, a ponto de serem rejeitados ou destruídos pela sociedade.

Há ainda os psicopatas que se aventuram pelos caminhos do empreendedorismo, são sonhadores, pensam grande e arriscam alto porém, sempre com uma vítima que lhes servirá de sócio e candidato a sofrer com as possíveis perdas financeiras. Nesse sentido, fica evidente a ausência de culpa, quando o empreendimento não dá o retorno que se esperava, ou melhor, que ele projetou, conhecendo os reais riscos. Silva (2008, p. 36) afirma que “na cabeça dos psicopatas, o que está feito, está feito, e a culpa não passa de uma ilusão utilizada pelo sistema para controlar as pessoas”, aliás, a culpa para eles têm

importância quando é da vítima e apresenta apenas uma serventia, ser usada contra ela mesma. Eles veem as pessoas como objetos ou coisas, com a finalidade de satisfazer seus próprios desejos, e satisfações pessoais. Normalmente suas vítimas são pessoas generosas, empáticas e extremamente sensíveis, mas que para eles, como afirma Silva (2008, p. 37) “essas pessoas não passam de uma gente fraca e vulnerável e, por isso mesmo, são seus alvos preferidos”.

Os psicopatas graves são extremamente violentos, frios e calculistas, Silva (2008, p. 37) os define como “capazes de torturar e mutilar suas vítimas com a mesma sensação de quem fatia um suculento filé-mignon”. Normalmente, características de *serial killers*, matadores de aluguel, os grandes assassinos da história humana quando nos mais altos cargos de poder de governos, dentre outros. Já os psicopatas considerados leves ou moderados, também trazem como características a falta de empatia, porém de forma menos intensa, mas com prejuízos significativos para as pessoas que os rodeiam e para a sociedade em que estão inseridos.

Num contexto mais geral, os psicopatas costumam fazer da mentira a peça chave para montarem seus quebra-cabeças particulares em busca de sanar suas próprias vontades e desejos. Silva (2008) aponta que

Os psicopatas são mentirosos contumazes, mentem com competência (de forma fria e calculada), olhando nos olhos das pessoas. São tão habilidosos na arte de mentir que, muitas vezes, podem enganar até mesmo os profissionais mais experientes do comportamento humano. Para os psicopatas, a mentira é como se fosse um instrumento de trabalho, que é utilizado de forma sistemática e motivo de grande orgulho (SILVA, 2008, p. 38).

Com a mentira como “carta na manga”, os psicopatas trapaceiam e manipulam qualquer indivíduo a sua volta, abusando da imaginação criativa, e se colocando como o centro do universo. Eles são indiferentes quando suas palavras são colocadas em dúvida. Silva (2008, p. 39) discorre que ao contrário de ficarem “envergonhados, constrangidos ou perplexos; apenas mudam de assunto ou tentam refazer a história inventada para que ela pareça mais verossímil”. Os psicopatas apresentam como características, pouca variedade ou intensidade de sentimentos como o respeito pelo outro, a compaixão e o amor. Mas às vezes eles “podem nos confundir ao apresentarem episódios emocionais dramáticos, fúteis e de curta duração” (SILVA, 2008, p. 40), além disso, eles não sentem medo, estão desprovidos dessa emoção, eles sabem qual a consequência de cada uma de suas atitudes, porém não se importam com elas. Por não

possuírem o atributo do medo, Silva (2008, p. 40) afirma que “eles simplesmente seguem os seus caminhos, fazem suas escolhas e agem como bem entendem.”.

Do ponto de vista do estilo de vida, os psicopatas apresentam impulsividade, que “visa sempre a alcançar prazer, satisfação ou alívio imediato em determinada situação, sem qualquer vestígio de culpa ou arrependimento” (SILVA, 2008, p. 41), ou seja, eles estão focados somente no momento presente, o paraíso para eles é alcançar satisfação imediata de seus desejos, não dando importância ao futuro e nem às formas de alcançá-los. Sobre o temperamento dos psicopatas, Silva (2008) alega que:

Os psicopatas apresentam níveis de autocontrole extremamente reduzidos. São denominados "cabeça-quente" ou "pavio-curto" por sua tendência a responder às frustrações e às críticas com violência súbita, ameaças e desaforos. Eles facilmente se ofendem e se tornam violentos por trivialidades ou por motivos banais. Apesar de a explosão de agressividade e violência serem intensas, elas ocorrem em um curto espaço de tempo, após o qual os psicopatas voltam a se comportar como se nada tivesse ocorrido. (SILVA, 2008, p. 42)

Ou seja, eles possuem dificuldades para controlar o temperamento, apesar de eles de certa forma controlarem seu temperamento quando possuem a intenção de amedrontar, magoar e mesmo machucar suas vítimas. Silva (2008, p. 43) ainda afirma que “Eles descrevem seus episódios agressivos como uma resposta natural à provocação a que foi submetido. Daí a se colocar como vítima de toda a situação é um passo muito pequeno!”. Para Donoso (2011) a impulsividade impede a elaboração simbólica e conseqüentemente, a sua transformação em pensamento, por isso agem de forma impulsiva por não possuírem afeto. Cometem com impulsividade, suas ações de forma repentina, brutal e violenta para se libertarem de tensões internas.

Esses indivíduos também apresentam forte intolerância à rotina, e não suportam o tédio. Precisam sempre estar em situações que irão mantê-los em estado de excitação, ainda que para isso eles precisem se envolver em situações que transgridam as regras de convívio social. Silva (2008, p. 43) ainda acrescenta que “frequentemente mudam de residência e emprego na busca de novas situações que os ‘excitem”” Dessa forma, eles não veem problema em faltar com compromisso ou não cumprir com obrigações podendo, por exemplo, abandonar um trabalho sem concluí-lo. São irresponsáveis e inconstantes.

Para concluir, ressaltamos que não é possível que alguém se torne psicopata, eles nascem assim e assim permanecem por toda a vida. Conforme Silva (2008, p. 45), os psicopatas revelam que “antes de tudo a psicopatia se traduz numa maneira de ser, existir e perceber o mundo” e que “eles jamais deixarão de apresentar comportamentos

antissociais; o que pode mudar é a forma de exercer suas atividades ilegais durante a vida” (*id* 2008, p. 46), ou seja, eles sempre estarão cometendo uma atividade criminal diferente, não se tornam especialistas em um único tipo de crime. Ressaltamos também, que apesar das terapias e psicoterapias disponíveis na atualidade, a psicopatia continua sem cura e como afirma Silva (2008, p. 87) “é lamentável dizer que, por enquanto, tratar um deles costuma ser uma luta inglória”.

CAPÍTULO III

TRUMAM CAPOTE E SUA OBRA *A SANGUE FRIO*

Ivan Lessa, na apresentação do livro “*A Sangue frio*”, tradução brasileira de *A sangue Frio* (2003) destaca que, em 1924, nascia nos termos de Nova Orleans, a criança que viria a se tornar um dos grandes jornalista e escritor norte-americano que os Estados Unidos e o mundo conheceram. Conforme Lessa (2003) “Truman Streckfus Persons adotou por conta própria, aos onze anos, em 1935, o sobrenome do padrastrô, Joseph Garcia Capote [...]”. No dossiê, em formato de tabloide *New Journalism- 45 anos de verdade e ficção*, organizado por Krystine Carneiro, destaca que Capote “teve uma infância perturbada pela sua mãe alcoólatra e seu pai ninfomaniaco” e que:

Aos 17 anos, o escritor começou a trabalhar no *The New Yorker*. Mas apenas quando deixou o jornal, começou a ter seu talento reconhecido através de contos, como “Miriam”, publicados em outras revistas. Seu primeiro romance foi “OtherVoices, OtherRooms”, considerado uma obra semi-autobiográfica que aumentou sua fama. Porém, suas obras mais conhecidas são “Bonequinha de Luxo” e “A Sangue Frio”, sendo, essa última, um marco na história do *New Journalism*, gênero jornalístico consolidado por Capote. CARNEIRO (*et al.*, 2010, p.3)

Capote inicia publicando contos góticos, o que lhe dá certa visibilidade e possibilita abusar de sua genialidade e publicar *A Sangue Frio*, que inaugura o chamado *New Journalism*, nos Estados Unidos, mas que ele preferia chamar de romance de Não-ficção. Carneiro (2010, p.4) afirma que ao alcançar o *hall* da fama, o escritor desfrutava de uma “vida extravagante, luxuosa e rodeada de celebridades, entre elas, Marilyn Monroe.” Apesar da grande fama que Capote passou a desfrutar, a sua personalidade veio a traí-lo e, segundo Carneiro (2010, p.4) “Essa rejeição pelos amigos ajudou no aumento do consumo de álcool e drogas, que viria a ser a causa de seu falecimento em agosto de 1984.” Truman viveu 60 anos, o suficiente para deixar seu nome inesquecível na história da literatura e do jornalismo, Carneiro (2010, p.4) ainda ressalta que “O intelectual era uma figura destoante na sociedade. Além de assumidamente homossexual, ele possuía uma aparência exótica combinada com sua baixa estatura e uma voz irritante [...]”. Capote se apoderou para a sua criação artística, exatamente da linha tênue de encontro entre o jornalismo e a literatura, entre o factual e o ficcional que se entrecruzam de modo que não podemos classificar nem como um e nem como o

outro, mas como um novo texto. Este novo texto criado por ele foi a origem para o *New Journalism*, que passou a ser chamado de Romance Jornalístico; para o gênero denominado por ele de Nova-Ficção e para aqueles que produziram no Brasil, seguindo as técnicas por ele utilizadas, o Romance-reportagem, ao que pontua Carneiro:

O maior legado deixado por Truman Capote e a fundação do *New Journalism*, muito difundido nos Estados Unidos e posteriormente pelo mundo, também denominado Jornalismo Literário, gênero que há 45 anos vem sendo explorado e reinventado por diversos autores. CARNEIRO (*et al*, 2010 p.4)

Capote, como já afirmado anteriormente, reinventa o romance até então existente, fazendo uma mescla da realidade produzida a partir de uma reportagem, de forma que produza um forte envolvimento do leitor com o fato e trabalhando o campo das emoções ao se utilizar das técnicas características dos romances de ficção, para tanto a genialidade dele está justamente em saber o exato momento que ele poderia explorar a ficção, “criando” a parte do enredo narrativo e onde ele deveria explorar o factual, a “veracidade do caso” em que trabalha.

3.1- CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DAS PERSONAGENS PERRY E DICK

A partir de agora, pretendemos apresentar algumas reflexões sobre a construção das personagens Perry Smith e Richard Hickock, o Dick, na obra *A sangue frio*, de Truman Capote. Veremos como esses dois personagens se comportam antes, durante e após cometerem o bárbaro assassinato da família Clutter, dando ênfase na perspectiva da constatação de psicopatia em ambos os indivíduos.

Capote (2008) apresenta o personagem Perry Smith como um jovem incansável, que constantemente planejava viagens, das quais, já havia realizado algumas. Além disso, é descrito como apaixonado por música, poesia, livros, mapas e dicionários. Não apresenta fé religiosa e seus lugares favoritos são os portos de mar e cidades movimentadas, enquanto sente-se depressivo e com sensações de agrofobia, quando inserido em regiões pouco habitadas. Dick apresentava características diferentes, era um rapaz inteligente, com QI aguçado, tomava tudo de maneira literal, não entendia música e poesia, tinha jeito de durão, completamente o oposto de Perry. Dick se casou por duas vezes e se divorciou, tinha três filhos e quando estava em liberdade condicional ficava na casa de seus pais.

A partir das descrições gerais de ambas as personagens apresentadas em um contexto geral, buscaremos construir uma linha histórica da formação de Perry e Dick, observando características psicológicas e comportamentais que nos levam a pensar nas duas personagens como psicopatas. Em relação à infância de Perry elas estão descritas numa redação datilografada por seu pai, enviada à Penitenciária Estadual do Kansas, numa tentativa de ajudá-lo a obter liberdade condicional. Ele a intitulou “A história de meu filho” e narra toda a trajetória do filho até aquele momento em que se encontrava. Dentre tais informações, destacamos sua alegação de que “o nascimento de Perry foi normal. Saudável.” (CAPOTE, 2003, p. 166) e que eles moravam no campo, pontuando que toda a família gosta da vida ao ar livre. Porém, como já mencionamos acima, aos 28 anos Perry é descrito como intolerante a esses ambientes. Percebemos na descrição do Sr. Smith, que a partir da idade de ir para a escola, Perry convive com problemas na família, sua mãe se tornara alcoólatra, seus pais se divorciaram, e Perry passou a morar em orfanatos. Seu pai algum tempo depois recupera a guarda dele e descreve:

Eu queria que ela me pedisse o divórcio, o que ela só pediu mais ou menos depois de um ano. Estava bebendo e saindo da linha, morando com um homem mais moço. Eu contestei e consegui a plena custódia das crianças. e levei Perry para morar comigo na minha casa. Os outros foram viver em orfanatos, [...] (CAPOTE, 2003, p.167)

Como vimos no capítulo que tratamos da psicopatia, o ambiente em que a criança está inserida contribui para que esse traço patológico possa se tornar mais evidente e ganhar proporções muito maiores, mesmo que as pessoas que rodeiam esses indivíduos não percebam. Não estamos aqui afirmando que a psicopatia advém de ambientes conturbados, afinal esta é uma deficiência numa delicada região cerebral. Portanto, estamos afirmando que esses ambientes afloram ainda mais o comportamento desses indivíduos.

Perry permaneceu com seu pai até entrar para a marinha, durante a Segunda Guerra, o que fez com que os dois se distanciassem. Tex John Smith ressalta ainda que Perry teve várias namoradas, porém nunca se casou, e alega que o fato de o seu casamento não ter dado muito certo influenciava nos medos de seu filho. Mas como vimos no capítulo dois desta pesquisa, os psicopatas não conseguem manter relacionamentos afetivos por muito tempo, tendo em vista que ambos, ao se aproximarem de alguma pessoa, almejam alimentar algum desejo ou objetivo. Em outras palavras, manipulam aquelas que os rodeiam, sendo essa uma característica não

apenas de Perry, mas também de Dick. Afinal, o mesmo teve dois casamentos, três filhos e em momento algum demonstra preocupações com seus familiares.

Outra característica dos indivíduos psicopatas que ficou evidente em nossas pesquisas foi a de que eles não suportam o tédio, estão sempre em busca de adrenalina e tensão, nesse aspecto, o escritor ressalta que,

[...] o tempo raramente lhe pesava, pois conhecia vários métodos de fazê-lo passar \neg entre eles, olhar-se no espelho. Dick certa vez observou: “Toda vez que vê um espelho você parece que entra em transe. Como se estivesse olhando uma mulher muito gostosa. Meu Deus, você nunca se cansa?” (CAPOTE, 2003, p. 37)

Perry encontrou em si mesmo uma forma de sair do tédio. Admirar a si mesmo através de um espelho, o que nos leva a pontuar que essa é uma característica que também esta associada a pessoas portadoras de psicopatia, o narcisismo. O autor complementa a informação afirmando que,

[...] Perry era fascinado pelo próprio rosto. Seu rosto era mutável, e experiências conduzidas diante do espelho lhe haviam ensinado a controlar aquelas mudanças de expressão a adquirir uma aparência assustadora, depois maliciosa e depois nobre; bastava uma inclinação da cabeça, uma torção nos lábios, para o cigarro perverso transformar-se num romântico inofensivo. (CAPOTE, 2003, p. 37)

Além da forma encontrada para que ele pudesse sair do tédio, a de admirar-se ao espelho, Perry utilizava as suas auto-observações, para desenvolver habilidades de mudança de expressões faciais, o que normalmente os psicopatas utilizam para passarem confiança no que estão dizendo as vítimas de suas ações. A descrição de Capote acima citadas, são perfeitamente claras ao demonstrar que eles sempre estão tentando, e conseguem muito bem, se comportar em diferentes situações com muita credibilidade.

Outra predisposição que os psicopatas buscam adquirir é ter conhecimento sobre diferentes áreas, ainda que de forma superficial. Segundo Capote (2003), Perry desempenhou funções de soldado da marinha, músico, caçador, garimpeiro, domador de cavalos, mecânico, motorista de caminhão, professor dos filhos de seu amigo Joe James, todas realizadas segundo o pai de Perry com maestria e perfeição. Porém, as áreas que esses indivíduos adoram observar, é aquelas do campo das ciências humanas, já que

invariavelmente tem como objeto as pessoas, que são os seus alvos. Perry é descrito como um:

Maníaco por dicionários, com gosto por palavras obscuras, ele estava decidido a melhorar a gramática do companheiro e a aumentar seu vocabulário desde que tinham dividido uma cela na Penitenciária Estadual do Kansas. (CAPOTE, 2003, p.45)

Dessa forma, percebemos a valorização que Perry dá à boa comunicação e acaba por ‘investir’ no companheiro para que ele também tenha o seu vocabulário rico e afirma que “para agradar ao tutor, (Dick) tinha chegado a compor uma pilha de poemas, [...]” (2003, p. 45).

Outra característica comum aos psicopatas, conforme descrita já anteriormente, é a mentira. Eles a utilizam como ferramenta de trabalho, e ambos os personagens aqui elencados invariavelmente em toda a obra, se utilizam dela. Dick, por exemplo, mente ao pai sobre onde iria à data do crime, ele afirma ao falar sobre seu pai com Perry:

Eu não queria que ele me visse saindo de casa com a arma. Ele ia ficar bravo se *sabesse* que eu estava mentindo.” “[...] Disse que a gente ia viajar e só voltava amanhã para visitar sua irmã em Fort Scott. Por que ela estava guardando um dinheiro seu. “Mil e quinhentos dólares.” (CAPOTE, 2003, p.46)

Dick não apresenta remorso, culpa ou arrependimento de suas mentiras em momento algum. Aliás, ele as utilizava para enganar pessoas que estavam a sua volta, como o próprio pai e a pessoas desconhecidas que cruzavam seu caminho e sofriam com as suas ações criminosas, se utilizando de seu sorriso para conseguir alcançar seus objetivos. Perry narra o sorriso de Dick, ressaltando que eles possuíam finalidades específicas como nos mostra o trecho a seguir em que ele o descreve:

Porque o seu sorriso é uma beleza. “E um desses sorrisos que realmente funcionam.” E era verdade. A ação constritora do sorriso contraia o rosto a proporções mais harmônicas, e tornava possível a percepção de uma personalidade menos incomoda de um “bom rapaz”[...] (CAPOTE, 2003, p.56)

Dick poderia chegar a qualquer lugar, que naturalmente seria recebido como uma pessoa normal, desprovido de qualquer problema, por ser um sujeito divertido, esperto, realista, aparentemente sincero e extremamente calculista, ou como o descreve Capote, “não vivia com a cabeça nas nuvens nem cheia de vento.” (2003, p.72). O autor ainda o descreve como uma pessoa jeitosa, que podia levar qualquer um na conversa, e que esse era o seu “talento perfeito.” (2003, p.132).

Já descrevemos no capítulo II que o psicopata é uma pessoa aparentemente normal, mas que são pessoas desprovidas de consciência, o narrador da obra descreve que Dick ao ouvir Perry narrar sobre como teria cometido o assassinato de um homem negro, com uma corrente de bicicleta, teria ficado convencido de que o seu amigo era:

[...] um “matador por natureza” – absolutamente são, mas desprovido de consciência, e capaz de desferir, com ou sem motivo, golpes mortais totalmente a sangue frio. A teoria de Dick era que esse dom, sob sua supervisão, poderia render resultados muito lucrativos. [...] era importante, porém, que Perry não desconfiasse daquilo – pelo menos não antes de ter ajudado, com seu dom, a satisfazer as ambições de Dick. (CAPOTE, 2003, p. 84-85)

Nesse caso, Dick percebe a psicopatia do seu companheiro e planeja manipulá-lo para adquirir seus próprios objetivos animalescos, visando os lucros que poderia obter a partir dos crimes que ambos poderiam cometer juntos. Vale lembrar que, outra característica que acompanha os psicopatas, é justamente a capacidade de manipulação, e é exatamente essa a intenção de Dick em relação a Perry. Dessa forma, temos dois possíveis psicopatas, atuando juntos, mas cada um buscando ser superior ao outro. Segundo Capote, “Os dois jovens tinham pouco em comum, mas não percebiam, porque compartilhavam muitos traços superficiais.” Ou seja, psicopatas jamais mostrarão quem realmente eles são, pois sempre se apresentam de forma superficial postulando uma imagem do que não são.

O assassinato da família Clutter foi friamente planejado. Dick toma conhecimento da existência dessa família em uma área rural da cidade de Holcomb, através de um companheiro de cela, que lhe garantiu haver naquela propriedade um cofre. Dick planeja o crime de forma impecável, que não deixe rastros de quem tenha sido o(s) seu(s) autor (es). Capote (2003) afirma que Dick achava moleza cometer aquele crime e mostra predisposição em assassinar todas as pessoas que estivessem na casa, ele tinha certeza que quatro pessoas dos Clutter estariam lá, e considerava que poderia haver até 12 pessoas no local, se confirmando a primeira de suas certezas.

Após invadirem a casa, se certificarem que não havia nenhum cofre na casa e cometerem o assassinato de quatro pessoas de uma mesma família. Eles empreendem fuga sem nenhum remorso, arrependimento ou sentimento de culpa, partindo assim com destino ao México, passando antes na cidade em que os pais de Dick moravam, como descreve Capote,

Alguns quilômetros ao norte, na agradável cozinha de uma modesta casa de fazenda, Dick consumia um almoço de domingo. As outras pessoas sentadas à mesa — a sua mãe, seu pai seu irmão mais novo — não percebiam nada de incomum em seu comportamento. (CAPOTE, 2003, p. 106)

Enquanto que Perry dormia em um quarto de hotel, com um rádio portátil tocando, que ele havia extraído de uma de suas quatro vítimas. Ao que Capote (2003) destaca que nem sequer o assassino havia mudado as roupas que usara na cena do crime.

Perry possuía características de um psicopata extremo, enquanto que Dick possui as de um psicopata intermediário. Perry, dentre as tantas já elencadas aqui, também sofria com a impulsividade, segundo Capote,

Alguns aspectos de Perry “metiam medo”. Por exemplo, suas mudanças de humor. Ele se enfurecia “mais depressa que dez índios embriagados”. E sem dar nenhum aviso. “Ele podia estar pronto para matar você sem que você percebesse olhando para ele ou ouvindo o que ele diz”, falou Dick certa vez. (CAPOTE, 2003, p. 145-146)

Além dessa impulsividade, não raras vezes ele apresentava tendência ao suicídio desde criança, e até meses antes de ser condenado à forca. Essa era uma possibilidade que vez ou outra ele cogitava, pensando na ideia de punir as pessoas a sua volta e não a si mesmo. Sobre esses aspectos de Perry que lhe metiam medo, percebemos que Dick evidencia que a consciência não era um atributo presente na personalidade de seu companheiro, fato esse presente nos predicados dos psicopatas. Percebemos essa deficiência quando ele menciona o assassinado de Herbert Clutter e Kenyon Clutter, o patriarca da família, dizendo sobre aquele momento:

Eu não queria fazer mal aquele homem. Achei que era um senhor simpático. Que falava manso. E era assim que eu pensava na hora que cortei o pescoço dele. [...] Eu me ajoelhei ao lado do senhor Clutter, [...]. Mas só fui entender o que eu tinha feito quando ouvi aquele som. Parecia alguém debaixo d’água. Entreguei a faca a Dick. E disse: ‘Você acaba com ele. Vai se sentir melhor.’ [...] Pedi a Dick que segurasse a lanterna bem focalizada. E então eu fiz pontaria com a espingarda. E a sala explodiu. Um clarão azul. E ficou cheia de fumaça. (CAPOTE, 2003, p. 305-306)

É possível perceber que em momento algum os assassinos demonstram qualquer tipo de emoção em relação a seus cruéis atos e os descrevem com naturalidade. Perry friamente afirma que nem sequer percebia o seu próprio ato. E chega inclusive a dizer, em sua primeira audiência, que pensou em assassinar Dick no momento da fuga, mas que não sabe o porquê de não ter cometido o ato.

Os psicopatas normalmente são reincidentes no sistema prisional, uma vez que lhes falta o senso de moral. Dessa forma, sabem que existem leis, porém acreditam que

elas são justamente para serem transgredidas. Logo após fugirem e estarem a desfrutar de certa segurança por não terem sido presos, Dick já tentava cometer mais um crime, dessa vez o estupro de uma garotinha que ele encontrara em uma praia, pois tinha tendência à pedofilia. Aliás Perry em seu depoimento afirma que teria percebido que Dick tinha a intenção de abusar sexualmente jovem Nancy Clutter e que teria o impedido, afirmando que:

Depois ele me disse, quando estávamos voltando no corredor indo para o quarto de Nancy: ‘Eu vou arrombar aquela garota’. E eu disse: ‘Pode ate ser. Mas primeiro vai ter que me matar’. Ele me olhou com um ar de surpresa. E disse: ‘Qual o problema? Você também pode meter nela depois’. Mas isso e uma coisa que eu desprezo. Uma pessoa que não consegue se controlar sexualmente. Meu Deus, eu detesto esse tipo de coisa. E eu disse a ele a queima-roupa: ‘Deixa a moça em paz. Senão, vai ter de passar por cima de mim’. (CAPOTE, 2003, p. 304)

Ressaltamos assim, que em alguns casos os psicopatas desenvolvem a pedofilia, não sendo uma regra geral, mas específica daqueles enquadrados como psicopatas de nível intermediário, o que não faz com que deixem de ser violentos e perigosos para a sociedade. Dick, inclusive em seu depoimento, confessa que a sua principal motivação para ir até a fazenda não era roubar, mas sim violentar a garota, e que ele sabia que havia uma garota lá.

À guisa de conclusão, encerramos com três situações em que as personagens são descritas e que apresentam alguns comportamentos advindos da psicopatia. São elas, o veredicto não oficial dado por um psicólogo sobre os dois, o comportamento deles ao saírem de seu julgamento e suas últimas palavras antes de serem enforcados.

A primeira situação que iremos discorrer é o diagnóstico que faz o psicólogo com anos de experiência atuando na área da psiquiatria, Dr. Jones prepara um diagnóstico sobre Perry e Dick, para usar em defesa deles, mas que foi impedido pelo magistrado do caso. Sobre Dick, o médico constata que as atitudes antissociais (psicopáticas), podem ter surgido em detrimento de um acidente automobilístico que este sofrera, que lhe acarretou um serio ferimento na cabeça. A seriedade desse ferimento fez com que ele tivesse “anormalidade emocional” (CAPOTE, 2003, p. 363), o que evidencia que o mesmo perdeu a capacidade de consciência, ou seja, de ter emoções, que explanamos no capítulo 2 deste trabalho. Além disso, no trecho abaixo, fica evidente outras características que evidenciamos não apenas no segundo capítulo, mas também poucas linhas acima. O doutor Jones afirma a acerca de Dick que ele

É uma pessoa impulsiva na ação, capaz de fazer as coisas sem pensar nas consequências ou no desconforto futuro que elas podem acarretar para si e para outros. Não parece capaz de aprender com as experiências, e exhibe um

padrão fora do normal de períodos intermitentes de atividade produtiva seguidos por ações claramente irresponsáveis. E incapaz de tolerar sentimentos de frustrações como uma pessoa mais normal, e não consegue livrar-se desses sentimentos, exceto por meio de atividades anti- sociais. (CAPOTE, 2003, p. 364)

Diante do exposto acima, percebemos que Dick pode ter levado uma vida extremamente saudável até o dia em que sofreu o acidente de carro, e que a partir dos danos causados em sua cabeça, provavelmente por ferimento na região em que estão localizadas a amígdala e o neocórtex, deixando o mesmo desprovido de emoções, transformando-o em um perigo real para sociedade, apesar de aparentemente normal.

Sobre Perry o médico inicia o seu diagnóstico afirmando que ele possui “sinais claros de doença mental grave” (CAPOTE, 2003, p. 366), isso porque na época em que está ambientada à narrativa, a psicopatia era considerada uma doença mental grave. Ainda conforme o doutor Jones, o ambiente em que Perry cresceu influenciou no agravamento da psicopatia, já que a desestruturação familiar não possibilitou a ele um contato com os valores morais. Além disso, aponta que em matéria de intenções e sentimentos, aponta que o seu paciente não possui “capacidade de separar a situação real de suas projeções mentais.” (CAPOTE, 2003, p.367). Em nossas pesquisas constatamos que os psicopatas, sabem das regras, mas acreditam que existem para serem quebradas e que, normalmente, a partir de seus atos apresentam tendência a culparem os outros. E o que o médico constata em Perry e que,

Quase sempre, seus acessos de raiva passados voltaram-se contra figuras de autoridade – o pai, o irmão, o sargento do Exército, o encarregado da condicional – e em várias ocasiões levaram ao comportamento de ataque violento. [...] Voltada contra si mesmo, essa raiva já provocou ideias de suicídio.

Tais constatações são situações que, invariavelmente, aconteceram no decorrer da narrativa, frutos dos distúrbios que seu raciocínio apresenta e da falta de consciência, que proporciona as emoções ao indivíduo. O Médico confirma ainda que os resultados desses distúrbios foi uma vida com um círculo extremamente restrito de pessoas, e que Perry dá pouco valor a vida humana.

A segunda situação é extremamente breve, mas que reforça toda uma ideia defendida antes e conceituada no campo da medicina de que aparentemente os psicopatas são seres normais, mas que na verdade não apresentam sentimentos. Enquanto as testemunhas eram apresentadas e o cerco se fechava para uma condenação de pena de morte a atitude deles é descrita da seguinte maneira:

[...] Smith, e Hickock também, apresentavam no tribunal uma atitude que era ao mesmo tempo desinteressada e indiferente; mascavam chiclete e batiam o pé com languida impaciência enquanto o estado convocava suas primeiras testemunhas. (CAPOTE, 2003, p. 346)

Ou seja, não esboçavam nenhuma reação em relação a toda a situação em que estão envolvidos, como se não tivessem consciência de seus atos, e nem mesmo das consequências que isso poderia ter. Após serem condenados à forca e o julgamento ser encerrado, ao saírem do tribunal fazem chacota da sentença dada pelo júri e são vistos, ouvidos e fotografados a rirem alto, saindo no jornal com a legenda questionadora, ‘a última risada?’

E a terceira situação se dá no dia que se deu a execução da sentença à que foram condenados. O diretor deu a oportunidade para os dois falarem as suas últimas palavras, e que tão somente confirmam que esses seres são desprovidos dos sentimentos que nos fazem humanos. Dick, o primeiro a ser enforcado disse: “não estou ressentido. Vocês estão me mandando para um lugar melhor do que este jamais foi” (CAPOTE, 2003, p. 417), fazendo questão de cumprimentar os quatro agentes que o capturaram. Perry, diferentemente de Dick, condenou a pena de morte, ponderando que era um absurdo tirar a vida de uma pessoa. Fato que ficou evidente não ter pensado ao cometer a barbárie que cometeu, mas complementa dizendo: “não faria sentido pedir desculpas pelo que eu fiz. Seria até inadequado. Mas eu queria pedir. Eu peço desculpas.” (CAPOTE, 2003, p. 419).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo analisar a construção de duas personagens na obra *A sangue frio*, de Truman Capote. Para isso, fez-se necessário um breve estudo sobre o gênero denominado de Não-Ficção, que Capote inaugura nos Estados Unidos, e como esse gênero se apresenta no Brasil, travestido de Romance-reportagem. Vimos o quanto às duas personagens, possuem características que lhes confere protagonismo na obra e principalmente uma construção sólida, baseada nas concepções de romance defendida por Capote e construída do ponto de vista da psicanálise, retratando a vida como ela e não ocultando as aberrações presentes em nossa sociedade e que continuam sendo tabus para nós.

Sentimos também a necessidade de esboçar a psicopatia e o comportamento de pessoas com psicopatia. Obtendo conhecimento sobre diferentes casos em que psicopatas tornaram-se o centro das atenções em diferentes momentos da história, que não abordamos aqui por conta do tempo e da proposta que adotamos para esse trabalho. Ainda fizemos uma breve apresentação acerca da vida de Truman Capote, tendo em vista o apreço por sua personalidade adquirido a partir do contato que tivemos no decorrer desse trabalho. Em que de todas as vezes que terminei a leitura da obra em questão, foi impossível segurar as lágrimas que se tornaram fruto da sinestesia que provoca no leitor, nos fazendo apreciar a emoção, atributo do qual os psicopatas são desprovidos, e que continuam sem um tratamento que seja eficiente. Portanto, condenados a uma vida que oferece e que convive com os riscos através de suas atitudes.

Esperamos que a partir dessa pesquisa, e de outras que apresentam o mesmo objeto de estudo ou a mesma obra, possamos contribuir para as reflexões sobre a psicopatia na literatura e sobre o gênero romance reportagem adaptação. Estamos conscientes de que essa discussão é apenas um ponto de partida para reflexões futuras, afinal, a obra tem pouco mais de 50 anos e nos somos dos poucos desbravadores dela, sabendo que há muito o que estudarmos sobre a obra e a vida de Truman Capote..

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Marília Viveiros. *O psicopata e o senso moral*. Brasília, 2007. Disponível em <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2618/2/20360840.pdf>. Acesso em 01 de Novembro de 2018.
- BRANDILEONE, Ana Paula F. N. *O romance reportagem: implicações estéticas e ideológicas*. Terra Roxa, vol: 19, novembro de 2010. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroixa_p.17-25. Acesso em 17 de Agosto de 2018.
- CAPOTE, Truman. *A sangue Frio*. Trad. de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COSSON, Rildo. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- COSSON, Rildo. *Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília: Editora UnB, 2007.
- DOMINGUES, Juan. *Novo jornalismo: reflexões sobre a relação entre a reportagem e o romance*. Caxias do Sul: UCS, 2013. p. 187-204.
- DONOSO, Marie Danielle Brulhart. *Estudo psicanalítico sobre a gramática da maldade gratuita*. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19072011-160217/pt-br.php> acesso em 01 de Novembro de 2018.
- LEITE, Cecília. *et al. New Journalism – 45 anos de verdade e ficção*. João Pessoa: UFP, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/expocom/EX23-0452-1.pdf> acesso em 05 de outubro de 2018.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes Perigosas – O Psicopata Mora Ao Lado*. Editora Fontanar, Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/02/Mentes-Perigosas-O-Psicopata-Ana-Beatriz-Barbosa-Silva.pdf> acesso em 29 de outubro de 2018.